

«Eis-me aqui, envia-me» (Is 6,8)

7/09/2015

I – O mistério da vocação profética

1. A visão do profeta: a contemplação do mistério de Deus três vezes santo

O texto do profeta Isaías no qual se encontra a expressão que serve de tema desta conferência é considerado pelos exegetas, tanto antigos como modernos, um «relato de vocação», isto é, a memória interiorizada do profeta ou do autor sagrado que descreve a origem da missão profética de Isaías numa experiência de revelação na qual o profeta pôde contemplar o mistério de Deus três vezes santo. Em quase todos os profetas encontramos relatos deste género os quais em geral traduzem a dificuldade do profeta no que diz respeito à sua missão, porque eles reconhecem a sua pequenez a respeito da grandeza e da exigência da missão que lhes foi confiada.

2. A reacção do profeta diante da santidade de Deus: sente-se perdido porque pôde ver com olhos impuros o Deus três vezes santo.

A indignidade resultante do reconhecimento da sua condição pecadora é descrita no relato da vocação profética, uma vocação que é simultaneamente uma missão, quando o profeta, à vista de Deus três vezes santo, diz: *estou perdido!*

O sentimento de estar perdido, de morrer, apodera-se dele, precisamente porque ele se julgava impuro e, portanto, indigno de responder diante de Deus três vezes santo. O autor sagrado refere como lugares de impureza, os olhos e os lábios. Há, de facto, uma relação muito profunda entre o que se vê e o que se diz, porque não falamos senão do que vemos, mesmo se se trata de uma voz interior que se transmite em suspiros inefáveis, de um dizer que não se escuta.

3. A purificação do profeta: um Serafim purifica os lábios do profeta com o fogo do altar de Deus

O profeta é tomado por um temor sagrado e afasta-se quase instintivamente. Ele considera-se indigno, impuro, pecador, porque contemplou a divina majestade e escutou a sua voz. Então ele vê um serafim que pega num tição ardente e purifica os seus lábios com o fogo. Somente aqueles que são purificados pelo fogo de Deus, que passam pela prova do fogo, podem escutar verdadeiramente a palavra de Deus, receber uma Palavra que toca na profundidade do coração: *Quem enviarei? Quem irá por nós?* (Is 6,8).

A purificação do profeta pelo fogo do altar de Deus é o modelo da experiência mística da noite dos sentidos e do espírito, da purificação passiva dos sentidos e do espírito, que é a condição para entender o que S. João da Cruz chama a *Chama divina do amor*. A *Chama divina do amor* que purifica significa que só o amor puro de Deus e somente o amor, mesmo o amor humano, que desta divina pureza se aproxima, nos pode tornar capazes de escutar e de responder à voz divina que se revela do trono de glória como Mistério três vezes santo.



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

O verdadeiro profeta reconhece-se sempre indigno da missão à qual é enviado. Santo Agostinho dizia muito justamente neste contexto que Deus não chama os que são capazes, mas capacita aqueles que chama. Isto é muito importante para nós todos que nos encontramos empenhados no serviço da Igreja no nosso Movimento. A missão profética na Igreja não é uma ascensão a uma instância de decisão ou de poder, mas a uma instância de discernimento do que é a vontade de Deus a nosso respeito e de viver de acordo com esta vontade, cuja realização implica para nós que sejamos no mundo um sinal de contradição, segundo a lógica da sabedoria que nos vem da Cruz de Cristo.

4. A voz de Deus e a resposta do profeta

O que acabo de dizer é confirmado pelo relato da disponibilidade do profeta. A purificação dos lábios pelo fogo do altar de Deus liberta-o para a missão de ser o porta-voz de Deus no meio do seu povo. Então ele apresenta-se e diz: *Eis-me aqui, envia-me* (Is 6,8).

A purificação dos lábios significa que Deus liberta a língua do profeta para proclamar as suas maravilhas, como podemos muito bem ver nos salmos. A disponibilidade do profeta aqui, é a resposta a um apelo. Isto deveria fazer-nos reflectir sobre o sentido da nossa existência, mesmo ao nível muito simplesmente filosófico ou antropológico, antes mesmo de nos elevarmos ao plano da história da salvação.

Falamos muitas vezes e com insistência da nossa liberdade de escolha, dos nossos direitos e, talvez um pouco menos, dos nossos deveres. A verdade, todavia, mais profunda do nosso ser e do mistério da nossa vida é que aquilo que é verdadeiramente essencial em nós não é objecto de escolha, mas de dom, de modo que existimos já antes mesmo de termos a possibilidade de produzir um acto reflexo da vontade, de escolher uma coisa ou de rejeitar uma outra. Mesmo ao nível da aprendizagem da nossa língua, aprendemo-la escutando e respondendo aos que a falam. A nossa vida aparece como uma resposta a um apelo. O filósofo alemão M. Heidegger e o teólogo Karl Rahner, no séc. XX, desenvolveram o que se chama uma antropologia transcendental que parte desta hipótese de trabalho: o homem é o ser da escuta e da resposta a uma Palavra, acolhendo uma revelação exterior a ele, mas que se encontra latente nele, de tal modo que, se ele não escuta esta Palavra, esta revelação, a sua grandeza e a sua dignidade serão poder escutar o silêncio da Palavra. De facto, Deus fala no silêncio e é preciso fazer silêncio para escutar a sua voz inefável!

O profeta contemplou Deus e escutou a sua palavra no contexto da oração no templo. Isto significa que é no contexto da Igreja em oração que podemos ter o discernimento para distinguir o silêncio de Deus da confusão das línguas e das tentações do mundo.

5. envio do profeta

O envio do profeta é uma consequência da sua disponibilidade. Aqui, podemos ver como há uma colaboração entre a ordem da graça de Deus e a ordem da nossa liberdade. Santo Agostinho dizia: aquele que nos criou sem nós, não nos quer salvar sem nós. Aqui está um mistério muito profundo: o plano de Deus está dependente da colaboração humana, do sim das suas criaturas. O caso mais emblemático desta colaboração é a Virgem Maria, onde o mistério da encarnação e o mistério da redenção estavam dependentes, suspensos, como diz S. Bernardo de Claraval: o sim da Virgem Santa



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

anula o não de Eva; na Santa Virgem a EVA das origens transforma-se no AVE angélico. Tudo isto mostra a importância da nossa fiel e generosa colaboração no mistério da salvação do mundo, porque, como recordou Pio XII na sua encíclica memorável «Mystici corporis Christi», grande é este mistério, que a salvação de uns dependa da oração de outros.

Encontramos aqui a fonte do nosso apostolado, da nossa missão e de toda a eficácia da acção apostólica. Santa Teresa do Menino Jesus nunca saiu do seu mosteiro e foi proclamada padroeira das missões. S. João Paulo II quis um mosteiro de irmãs contemplativas nos jardins do Vaticano e exortava a fundação de tais mosteiros nos países de missão, porque estava verdadeiramente convencido que o segredo e a força da fecundidade da actividade evangelizadora e missionária dependiam da união a Cristo e da força da graça daqueles que rezam e se sacrificam pelos outros.

6. conteúdo da sua missão

O profeta é enviado, mas o conteúdo da sua missão é surpreendente: é enviado a um povo de coração duro e para endurecer ainda mais este coração, de modo que escutando não possam compreender e converter-se. Esta palavra do profeta é citada nos evangelhos a propósito do método de Jesus de anunciar o mistério do reino de Deus em parábolas aos de fora, ao passo que explicava tudo aos discípulos.

Esta palavra enigmática chama a nossa atenção para o que segue: os que estão de fora são, na linguagem do Evangelho, os que não acreditam em Jesus, aqueles que não se deixam tocar nem se deixam converter, que têm o coração endurecido. Para eles, a palavra do Evangelho, porque não a aceitam, torna os seus corações ainda mais insensíveis.

Esta palavra é muito importante para nós hoje. O Papa Bento XVI, agora emérito, recorda-nos na sua encíclica *Spe salvi* que se enganam os que pensam que a salvação vem pela ciência; não, diz ele, a salvação não vem pela ciência; a salvação vem pelo amor. Aqui, por «ciência» pode igualmente compreender-se a ciência exegética. De facto, não é pela letra da Escritura que chegamos ao verdadeiro conhecimento de Jesus, mas pela comunidade dos crentes, dos discípulos que vivem e celebram a fé; pela Igreja e em comunhão efectiva e afectiva com ela.

Hoje, é urgente que reconheçamos a importância da Igreja e que ultrapassemos a tentação de pensar que a Igreja não é o bastião da verdade e da santidade; de pensar que se dá uma separação entre Cristo e a Igreja; de pensar que é possível conhecer Deus directamente, sem a mediação da comunidade de fé, sem a mediação da Igreja como comunidade sacramental. De facto, aprendemos uma língua com aqueles que a falam, aprendemos a fé com aqueles que acreditam, aprendemos a amar com aqueles que amam; aprendemos a vida com aqueles que têm a paixão de viver e têm a coragem de a transmitir.

7. resto e a semente santa

No contexto de uma crise geral da fé, no tempo do Profeta e também hoje, não somente no mundo ocidental, mas também, se olharmos mais de perto, noutras regiões do globo, a mensagem que o



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux *Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015*

profeta é enviado a anunciar termina com a proclamação de que, do «tronco queimado» nascerá uma semente santa. No meio da crise e da apostasia geral, brilha a luz da esperança, de uma pequena semente, de uma pequena quantidade de fermento, de um resto fiel brotará a alegria e a paz para todos os povos.

II – A realização da profecia

Graças ao conhecimento que temos da história da salvação como é relatada nas Sagradas Escrituras, sabemos que esta santa semente é Jesus Cristo, o qual, na plenitude dos tempos, e num tempo marcado pelo desalento, representou o novo início da história, o cumprimento de todas as promessas do Antigo Testamento, nos Salmos e nos Profetas.

Na sinagoga de Nazaré Jesus disse que naquele dia – hoje – se realizara a palavra do profeta Isaías que Ele acabava de ler. Estas palavras do profeta Isaías, e todo o Antigo Testamento no seu conjunto, tiveram de esperar muito tempo antes de serem cumpridas, até a este dia, o tempo pleromático o qual se escuta em Jesus o sim de Deus ao homem, não só o judeu, mas também o grego, porque de uns e de outros Deus quis fazer um povo, o povo de Deus, sobre a base das doze tribos de Israel renovada na base dos doze apóstolos do cordeiro imolado antes da criação do mundo.

É aos discípulos – e os discípulos são agora os membros da Igreja, o novo Israel de Deus, como S. Paulo nos ensina – que Jesus revela os mistérios do reino de Deus que se realiza hoje, nesta hora, porque é aqui e agora, na Igreja como comunidade sacramental, que o mistério de Deus revelado em Cristo é celebrado e vivido no poder do Espírito Santo.

Nos anos quarenta o Padre Caffarel com alguns casais começou um caminho, um método para ajudar os casais a caminhar na santidade. A santidade não é uma grandeza abstracta, mas concretiza-se na figura dos santos, tão abundantes nas gerações passadas, tão numeroso hoje. Nós somos verdadeiramente concidadãos dos santos: quem de nós não viu ou escutou S. João Paulo II?

Hoje a palavra do profeta continua a ser eficaz sempre que alguém, na sua condição de discípulo, contempla a glória de Deus que se manifesta nos seus santos, e nas coisas maravilhosas que se produzem no meio de um mundo cheio de contradições e de pecado. Esta palavra tem ainda um sentido e é fecunda, na medida em que nos chama à disponibilidade para irmos aonde o Senhor nos envia, enquanto casais empenhados na experiência da santidade que brota do sacramento do matrimónio e da sua relação com o sacramento da ordem, no meio de uma geração com o coração endurecido, como no templo do profeta, uma geração abortiva e divorciada, que não acredita na vida, que não acredita na fidelidade.

III – A nossa participação na missão

A vocação do profeta diz-nos que na fonte da nossa vocação se encontra uma experiência da proximidade do mistério e do amor de Deus que nos precedem, como gostam de repetir tanto o Papa Bento XVI, hoje emérito, como o Papa Francisco. Antes de sermos capazes de amor, já somos amados; antes mesmo de sermos capazes de um acto de fé, já há alguém que nos aceita e que conta connosco. Esta precedência de um grande amor, que se revelou no Coração transpassado de Jesus,



Equipes Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

segundo as palavra muito sábias de Bento XVI, dá sentido a toda a nossa vida, à nossa vocação e à nossa missão, que será em última análise uma resposta de amor ao amor de Deus que na Igreja nos precede. É a mesma experiência de S. Paulo que ele transmite numa das suas cartas, quando confessa, cheio de gratidão: *Ele (Cristo) amou-me e entregou-se por mim* (Gal 2,20).

Mas, tal como no profeta, antes de sermos enviados, devemos ser purificados pelo fogo do altar de Deus. Porque, se não formos purificados, não seremos anunciadores da Palavra de Deus, mas das nossas convicções. A palavra de Deus não nos pertence, é uma palavra que dilacera, que quebra, que destrói a nossa falsa segurança. Como o profeta, o discípulo de Cristo na Igreja é enviado como sinal de contradição num mundo que não compreende e que, no momento em que escuta, se torna ainda mais endurecido e fechado a toda a possibilidade de compreensão.

Estamos no mundo, mas não somos do mundo. O Senhor envia os apóstolos a um mundo que lhe é hostil, porque é o mundo do maligno, do qual somos ensinados a nos libertar, no Pai-nosso – livra-nos do maligno – e na oração sacerdotal de Jesus no final do Evangelho de S. João (Jo 17).

A essência do Evangelho está inscrita na palavra da Cruz: aos que nos pedem que lhes demos a felicidade, o Senhor envia-nos a proclamar a palavra do perdão e da paz, seguindo o caminho da cruz, como o Senhor. Pelo caminho da cruz no seguimento do Senhor chegamos à vida e à paz que não é a mesma coisa que a felicidade que o mundo nos promete.

Num mundo devastado pela praga do divórcio e do aborto, num mundo que não acredita na fidelidade nem na vida, somos enviados a testemunhar e a anunciar uma mensagem que o mundo de hoje não compreende: que o casal cristão, unido pelo sacramento do matrimónio, é um sinal eficaz do mistério de Cristo e da Igreja, o mesmo mistério vivido e celebrado no sacramento da ordem, que faz do sacerdote e do bispo os representantes em pessoa de Cristo esposo da Igreja. Neste sentido, todos nós, conselheiros espirituais e equipas somos um sinal de contradição no mundo, mas seremos um sinal de esperança na medida em que, fortificados pela graça de Deus, tivermos a coragem de sermos fiéis à nossa vocação e missão.

Tal como no princípio, quando os primeiros casais pediam ao Padre Caffarel que os ajudasse a viver a santidade em casal, também nós hoje devemos procurar juntos não soluções de facilidade que nos aproximam da mentalidade mundana e infiel que, hoje, se instalou infelizmente também em muitos sectores na Igreja, mas devemos procurar juntos caminhos de fidelidade ao pensamento de Deus que a Igreja nos transmite no seu magistério. Mas é preciso nunca esquecer que o nosso caminho na Igreja e no mundo se desdobra à sombra da cruz do Senhor.

Purificados pelo fogo do amor de Deus que nos transforma, digamos como o Profeta: «Eis-me aqui, Senhor! Envia-me». Para anunciar e testemunhar o mistério de Deus que nos transforma e não as nossas forças ou as nossas visões do mundo.

Que este encontro seja um momento privilegiado de discernimento do que Deus quer para cada um de nós e para o nosso Movimento, neste tempo tão complexo, mas ao mesmo tempo tão extraordinário que o bom Deus nos dá como graça.

P. José Jacinto FERREIRA DE FARIAS, scj.